

**ARQUEOLOGIA DE MAGDALA:
PRÁTICA ARQUEOLÓGICA E RECONSTRUÇÃO DA
JUDEIA DO SÉCULO I D.C.
ENTREVISTA COM A ARQUEÓLOGA MARCELA
ZAPATA-MEZA**

**Archeology of Magdala: archaeological practice and
reconstruction of Judea of the 1st century CE
Interview with the archaeologist Marcela Zapata-Meza**

Fernando Mattioli Vieira
Professor de História Antiga Oriental da Universidade de Pernambuco, *campus* Petrolina.
Especialista em Manuscritos do Mar Morto
Membro da Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica (ABIB)
Homepage: www.manuscritosdomarmorto.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5308-1471>
E-mail: khirbet.qumran@gmail.com

Recebido em: 05/04/2021
Aprovado em: 06/07/2021

Resumo: A cidade antiga de Magdala, na orla do mar da Galileia, representa o sítio arqueológico mais significativo descoberto nas últimas décadas em Israel, principalmente por abrigar uma das poucas sinagogas conhecidas do período do Segundo Templo de Jerusalém. A escavação do sítio completou dez anos recentemente e para saber sobre os avanços científicos oriundos desse trabalho convidamos para esta entrevista a responsável pela escavação, a arqueóloga Marcela Zapata-Meza. O objetivo principal desta entrevista é apresentar as alterações providas pela Arqueologia após o contraste com os registros escritos conhecidos da Antiguidade. Espera-se, com isso, que seja possível conhecer mais sobre os desafios encontrados em um trabalho de Arqueologia Bíblica e que se amplie o conhecimento sobre o contexto de formação do judaísmo e do cristianismo.

Palavras-chave: Magdala, Arqueologia, Judaísmo, Cristianismo.

Abstract: The ancient city of Magdala, on the edge of the Sea of Galilee, represents the most significant archaeological site discovered in recent decades in Israel, mainly because it houses one of the few known synagogues from the period of the Second Temple of Jerusalem. The excavation of the site recently completed ten years and to find out about the scientific advances resulting from this work, we invited the expert responsible for the excavation, the archeologist Marcela Zapata-Meza, to this interview. The main objective of this interview is to present the alterations provided by Archeology after the contrast with known written records from Antiquity. It is hoped, with this, that it will be possible to know more about the challenges found in a Biblical Archeology work and that the knowledge about the context of formation of Judaism and Christianity will be expanded.

Keywords : Magdala, Archeology, Judaism, Christianity.

As pesquisas bíblicas no Brasil sempre se destacaram como um campo bastante dinâmico, impulsionado principalmente pelo interesse da Teologia e auxiliado economicamente por instituições religiosas. Nas últimas décadas, entretanto, esse campo tornou-se ainda mais produtivo devido ao aumento significativo do número de arqueólogos e historiadores que compartilharam dos objetos comuns aos pesquisadores bíblicos, bem como pela aproximação com instituições e pesquisadores estrangeiros. O interesse em assuntos relacionados principalmente ao cristianismo é, ainda, o fator principal que explica a dinâmica desse campo – bem maior, em nosso país, do que para pesquisas referentes a outros recortes que se encaixariam no que costumamos chamar de Antigo Oriente Próximo. Os resultados dessa interação científica plurilateral são de inestimável importância e têm sido compartilhados rapidamente tanto dentro do meio acadêmico como para o público geral, interessado em publicações relacionadas ao contexto de formação do cristianismo.

Esta entrevista se apresenta como um exemplo da interação entre instituições e pesquisadores estrangeiros no campo das pesquisas bíblicas no Brasil, destacando as contribuições prestadas pela Arqueologia. No ano de 2012, tive a oportunidade de conhecer aquele que é considerado o sítio arqueológico mais importante, descoberto nos tempos recentes, em Israel: a cidade antiga de Magdala. Em 2009 foram encontradas as instalações de uma sinagoga do séc. I d.C. no assentamento. Um ano depois, uma equipe mexicana de escavações comandada pela arqueóloga Marcela Zapata-Meza, da Universidade Anáhuac, inicia seus trabalhos no sítio. Desde então, Zapata-Meza tem também realizado um trabalho de divulgação dos resultados por meio de publicações, entrevistas e palestras em universidades e centros de pesquisa ao redor do mundo. O primeiro pesquisador brasileiro a abrir um canal de comunicação com Zapata-Meza foi o Prof. Dr. Ivan Esperança Rocha (Unesp-Assis). Ele a conheceu em 2011, também em Israel, e foi o responsável por informar sobre os primeiros resultados das escavações de Magdalano Brasil.¹ Alguns anos depois, em 2015, Rocha coordenou a vinda dela para o *VI Ciclo Internacional de Estudos Antigos e Medievais*, na cidade de Assis (SP), onde ela pôde descrever parte de seu trabalho sobre Magdala e sobre a Arqueologia do Antigo Oriente Próximo.

Após os trabalhos de escavação terem completado uma década, acredito que não haja momento melhor para saber se houve alterações no quadro das descobertas e

hipóteses. Esse é o modo mais objetivo para compreendermos a importância alcançada de alguns dos achados arqueológicos do sítio, como o espaço que compreende à sinagoga a Pedra de Magdala – uma réplica do Templo de Jerusalém –, mas também sabemos se houve alguma contribuição ao que se sabe sobre as origens do cristianismo no século I d.C. e à reconhecida personagem dos Evangelhos, Maria Madalena. Ao final, agradeço muito por Zapata-Meza aceitar conceder esta entrevista e espero que ela possa atingir seus objetivos: ajudar o público brasileiro conhecer um pouco mais sobre as especificidades de um trabalho de Arqueologia Bíblica e ampliar nosso conhecimento sobre o contexto de formação do judaísmo e do cristianismo.²

- 1- Quais as características e possibilidades em um trabalho de Arqueologia Bíblica? Como a interdisciplinaridade se faz presente nesse tipo de pesquisa?

A Arqueologia é uma ciência social que visa conhecer, através dos restos materiais que foram preservados ao longo do tempo, o ser humano como entidade social, econômica, política e religiosa. O arqueólogo deve reconhecer os limites de sua disciplina e trabalhar objetivamente sem ter nenhum tipo de influência, nem ideológica nem religiosa. Nesse caso, a Arqueologia Bíblica é uma área de conhecimento muito específica que busca aplicar o método científico, típico da Arqueologia, a uma área geográfica em um determinado momento considerado bíblico. Aqueles de nós que trabalham nesta região precisam deixar de lado nossas próprias crenças, pois, do contrário, nossos resultados e interpretações carecerão de rigor científico e veracidade.

A interdisciplinaridade é cada vez mais comum em Arqueologia. É impossível para um arqueólogo chegar a conclusões ou interpretações por conta própria. Existem dados, evidências que escapam dos olhos do arqueólogo e, por esse motivo, ele necessita dialogar com especialistas nas áreas de geologia, geofísica, geografia, paleobotânica, paleozoologia e paleoantropologia. De tal maneira que a Arqueologia se tornou uma ponte que permite união e trabalho em equipe entre diferentes disciplinas.

- 2- Para além do registro arqueológico, há referências literárias sobre Magdala?

Não há referência a Magdala no Novo Testamento. Conhecemos Magdala principalmente por Flavio Josefo, que se refere a esse povoado pela salga de peixe que era realizada lá (é por isso que o nome em grego era Taricheae: local onde o pescado é preservado ou salgado) e pelo confronto das tropas romanas contra a população da Galileia em 67 d.C.³ Outras fontes, como Plínio, Cícero, Suetônio e Estrabão, também se referem à localização de Magdala e falam do pescado Tarichos que chegava a Roma e suas províncias vindo da antiga Taricheae. Dizem que Santa Helena, em busca dos lugares sagrados, passou por Magdala e, segundo a tradição, construiu uma capela sobre a casa de Maria Magdala (exatamente onde os primeiros cristãos veneravam essa mulher).

- 3- As fontes escritas colaboram pouco para sabermos da relevância da cidade de Magdala. Qual o nível dessa importância dado pela Arqueologia à cidade no séc. I d.C.?

As fontes escritas são uma ferramenta muito importante, quando existem, para a pesquisa arqueológica, mas não podem ser tomadas como verdade absoluta. É muito importante entender o contexto, a personalidade e os interesses de quem escreve e para quem se escreve. No caso de Magdala, existem informações nas fontes que não foram comprovadas arqueologicamente e, possivelmente, nunca se encontrará alguma evidência. Por exemplo, Flavio Josefo descreve um hipódromo em Magdala, mas os trabalhos de prospecção geofísica realizados no verão de 2010 pela equipe do Dr. Luis Barba, do Instituto de Pesquisa Antropológica (UNAM), não encontraram nenhuma comprovação.

- 4- Que limites você identificaria na associação desses dois tipos documentais para as hipóteses sobre Magdala?

Em Magdala, um dos grandes desafios é a objetividade. Estamos trabalhando em um sítio que corresponde aos tempos em que Jesus de Nazaré viveu e que se localiza justamente às margens do mar da Galileia. Pode ser que as fontes escritas e os testemunhos dos primeiros peregrinos tenham colocado Jesus em Magdala. No entanto, não há nenhuma evidência arqueológica que possa comprovar isso. Portanto, é muito importante manter uma distância entre crenças e ciência. Elas não estão em conflito,

mas é necessário ter muito cuidado com as informações que se passam e elas não devem ter a fé como base e sim a ciência arqueológica.

- 5- Em que nível estão as escavações de Magdala após quase uma década de trabalho? Ainda há o que se escavar em Magdala?

É possível dizer que o Projeto Arqueológico de Magdala é muito jovem; 10 anos é apenas o começo. Considerando que a equipe que desenvolve o projeto é do México e a cada ano temos temporadas que duram de 3 a 6 meses, o progresso não é grande. Até agora, um total de 5.000 m² foi escavado.

- 6- Quais os maiores obstáculos enfrentados por você e sua equipe durante todo esse tempo?

A distância entre o México e Israel. O ideal seria que estivéssemos em Israel o tempo todo, não necessariamente escavando, para poder atender a qualquer situação que surgisse. Israel tornou-se nossa segunda casa, mas nossas famílias estão no México e esta é a dinâmica: ir e vir; estar uma temporada lá e avançar o quanto puder no trabalho. Outra limitação é a economia. Esse é um projeto que se mantém por doações e, desse modo, trabalhamos às vezes com maior apoio e outras com muito pouco. O importante é não parar e continuar.

- 7- Que importância há em saber sobre a existência de uma sinagoga em Magdala?

Essa foi, sem dúvida uma grande descoberta. É uma sinagoga que corresponde ao século I d.C. e as evidências arqueológicas sugerem que ela deixou de ser usada antes da Primeira Revolta Judaica em 67 d.C. Seus elementos decorativos, como o piso de mosaico, as paredes pintadas e a Pedra de Magdala, descoberta no centro da sala da assembleia, falam de um lugar importante, além do poder econômico das pessoas que a construíram. Mas não apenas a sinagoga é importante: também são importantes os quatro espaços de banhos de purificação ritual, únicos em toda a história de Israel, já que sua fonte de água são as nascentes e isso os torna os mais puros, pelas regras das tradições judaicas, descobertos até agora.

- 8- Há alguns anos atrás, tive a oportunidade de ministrar uma palestra sobre a Pedra de Magdala, descoberta durante as escavações no assentamento. Agora nossos leitores têm a possibilidade de conhecer informações diretamente de uma pesquisadora envolvida com esse achado. O que há de singular nessa descoberta arqueológica?

É uma descoberta única. A Dra. RinaTalgam a interpretou como uma maquete do Templo de Jerusalém. Possui elementos esculpidos que fazem alusão ao Templo: a menorá, a oferenda dos pães, jarros de óleo... Tudo faz pensar na presença divina do Templo de Jerusalém, mas o fato de estarem esculpidos na pedra descoberta na sinagoga de Magdala nos deixa mais perguntas do que respostas.

- 9- Sabemos que há um interesse muito grande pela história antiga e atual de Magdala que é oriundo principalmente de instituições religiosas e de pesquisadores cristãos. O objetivo é, na maioria das vezes, saber sobre Maria Madalena e as origens do cristianismo. Como você analisa a contribuição provida por Magdala nesses aspectos?

O objetivo é conhecer o cotidiano de um assentamento que teve seu início no período helenístico médio-tardio e teve seu momento de maior crescimento no século I. Após a Primeira Revolta Judaica há algumas mudanças que se refletem na arquitetura (acessos bloqueados, espaços fechados) e nas atividades. A vida no assentamento de Magdala continuou até o século III. O objetivo é entender as pessoas, suas atividades diárias, os eventos que causaram mudanças, etc. Se dentro dessa investigação interdisciplinar algo for descoberto em relação a Maria Madalena, será tratado com a objetividade e o método da ciência arqueológica. Magdala é um assentamento que historicamente pode ser localizado como um cruzamento entre judeus e cristãos; os descobrimentos e aportes da ciência a esse respeito podem ser muito importantes para compreender como foi a vida dos primeiros cristãos na região da Galileia.

- 10- Como você descreveria sua experiência profissional no âmbito internacional?

Como uma etapa muito enriquecedora da minha vida, na qual cresci pessoal e profissionalmente. Era o meu sonho desde que eu tinha oito anos e hoje continuo

sonhando em ver o povo deMagdala, em pleno século XXI. Conheci grandes pesquisadores que hoje conto entre meus amigos. Trabalhar com voluntários me ensina a melhorar a cada dia e a não desistir. Não tem sido fácil, mas não me arrependo e seguirei conduzindo esse projeto por muito tempo mais.

Notas

¹ROCHA, Ivan E. Escavação de sinagoga em Magdala: Entrevista com Marcela Zapata Meza. *Revista Jesus Histórico*, n.1, 2011. Disponível em: <https://www.klineeditora.com/revistajesushistorico/arquivos6/Entrevista.pdf>. Acessado em 20 de janeiro de 2021.

² Esta entrevista segue a técnica de “entrevista aberta”, com fins exploratórios, em que o entrevistado é livre para falar sobre os temas sugeridos. Foi concedida por meio remoto em dezembro de 2020.

³ Guerra Judaica 2.21 [595–641]; 3.9.7–8 [443–461], 3.10 [462–542], 15.